



GT 36. Espiritualidades, pluralismo e saúde

Coordenador(es):

Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 2

Debatedor/a: Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 3

Debatedor/a: Nicolas Viotti (CONICET)

A relação entre espiritualidade e saúde é recorrente nas práticas e experiências das mais diversas cosmologias e tradições religiosas. Discutir esta relação, a partir de aportes teóricos e de contextos empíricos diferenciados, é o objetivo do GT aqui proposto. Neste sentido, esperamos reunir trabalhos que abordem as imbricações entre estes dois campos, tendo como foco as mediações rituais, simbólicas e materiais que concorrem para a produção da experiência do sagrado e os agenciamentos terapêuticos que visam alcançar a cura e o bem-estar físico e mental dos praticantes. Ao centrar nosso olhar nos processos de cura, queremos enfatizar as dimensões materiais e corporais da espiritualidade para além da especificidade das tradições ou cosmologias religiosas em que estes processos acontecem. Ao mesmo tempo, queremos compreender o agenciamento terapêutico como indexador da eficácia da espiritualidade e como referência para a sua legitimação social e sua institucionalização em contextos não religiosos. Ou ainda, como ancoragem para a adesão dos praticantes aos coletivos de práticas de espiritualidade e produção de subjetividades específicas no contexto diversificado do pluralismo religioso. Por fim, entendemos que a realidade plural das terapias associadas à espiritualidade requer uma pluralidade de perspectivas analíticas.

A Brasilidade na Saúde - Ciências e Curas Espirituais: Controvérsias e Afinidades

Autoria: Tânia Cristina de Oliveira Valente (UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Uma das principais características da identidade brasileira é o destaque dado às relações entre religiosidade e saúde. A maior parte da nossa população acredita que o transcendente interfira na evolução e na cura de enfermidades e valoriza tratamentos religiosos/espirituais para a solução de problemas de saúde, sendo que as questões relacionadas às doenças estão entre as principais razões que levam as pessoas a procurar ajuda religiosa no Brasil. Diante da polaridade existente entre a valorização e o uso deste recurso pela população brasileira e da ambiguidade demonstrada por docentes e de pesquisadores da área da saúde em relação ao tema, surgiu a motivação para pensar a relação entre a cura espiritual e a medicina, onde ambos os lados se manifestassem, gerando outras possibilidades de entendimento desta questão, desvendada através de como esta realidade é ?atuada? pelos atores envolvidos. No intuito de identificar elementos controversos que revelem a aparente falta de articulação entre esses dois grandes conjuntos de saberes-práticas, tal como apurados em campos etnográficos circunscritos e exaustivamente pesquisados, se recusou a postura do experimentalismo positivista, na busca de verificar se a cura ?realmente? acontecia (do ponto de vista médico) ou se os espíritos existiam de fato ou a abordagem da crença nas curas espirituais; uma vez que estes elementos não eram considerados capazes de encaminhar um sentido para o problema em foco. Para



esta discussão utilizou-se como referencial o pensamento de Isabelle Stengers, no que diz respeito às relações entre ciências, poderes e interesses culturais sociais e políticos e no que diz respeito à relação entre médicos, pacientes e curadores e o pensamento de Tobie Nathan Bruno Latour para a análise de um caso de cura espiritual de um carcinoma epidermoide em uma paciente de 43 anos, ocorrido no Rio de Janeiro e de uma visita à Casa de Dom Inácio (antes dos escândalos), onde o médium João de Deus realizava suas curas. Concluiu-se a partir dos relatos apresentados que não se trata de abordar a oposição ciência e não ciência como um embate entre ambas, uma vez que isto apenas perpetua elementos já conhecidos, mas da possibilidade de emancipação de saberes, científicos e não científicos sem a necessidade de recorrer única e exclusivamente à racionalidade científica para possam ter validade. Além disso tornou-se claro que a brasilidade na (da) saúde reside na possibilidade de considerar estratégias de conexão, sensibilidade e existência de outras epistemologias, outras lógicas explicativas eficazes e valorosas não só para os pacientes como para a sociedade como um todo, que não são visualizadas ordinariamente, porque estão nos entres dos entes que habitam tanto a (s) natureza (s) quanto a(s) cultura (s).



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: